

Corpo Sororo / Luiza Baldan

*Citação direta de: BALDAN, L. **A imagem no fim**. Tese (Doutorado em Artes) – Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. Área de Concentração: Linguagens Visuais) – Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 253 p., 2020.

** Texto editado a partir da compilação de relatos de Amanda Bonan, Ana Dalloz, Bianca Tomaselli, Caroline Valansi, Cecília Cavalieri, Chiara Banfi, Clara Cavour, Duda Moraes, Gláucia Mayer, Lais Myrrha, Laura Erber, Louise Botkay, Luiza Baldan, Keyna Eleison, Mara Pereira, Maria Baigur, Maria Borba, Natália Quinderé e Paula Huven.

Afe maria, pouca coisa ein fia! Eu vou começar a falar, não sei assim, já pensei muito sobre o assunto mas nunca verbalizei tanto. Então vamos ver o que sai assim, do nada, pra uma coisa que ainda não foi tão processada verbalmente, sabe? Como essas coisas não estão elaboradas, elas vão surgindo aos poucos. A primeira tentativa de falar alguma coisa, eu achei tão desinteressante que eu desisti. Estou há tempos pra gravar porque é uma coisa que eu sempre penso mas nunca consigo tecer um pensamento mais linear sobre. É um desafio. Não tinha muito claro que eu queria ser mãe, foi um mega susto, eu era muito livre até então. Acho que a gente continua sendo, mas é outro tipo de liberdade agora, talvez até mais gostosa. Quando eu paro para pensar de fato em tudo o que aconteceu depois que eu fiquei grávida, eu penso: “caramba, quanto tempo tem isso?!” Quanta coisa eu fiz e não fiz. Isso se torna uma questão pra mim. Tenho muito o que falar, muito o que dividir, acho que são vários processos, vários questionamentos, medos, muitas mudanças ao mesmo tempo. Eu acho que vai ser um pouco longo, é muita coisa pra contar. Quando eu tava pensando em gravar esse áudio, só me veio à cabeça todos os problemas que aconteceram, como eu tive que abrir mão, aquela coisa meio clichê. Mas na verdade, talvez eu quisesse falar de um ponto de vista quase místico que a gravidez me trouxe. Como botar isso em palavras? Me trouxe uma força e uma conexão comigo que estava meio guardada, meio perdida, e me trouxe mais próxima de mim nesse desenvolver um trabalho autoral. É difícil explicar porque é um sentimento que foi se refazendo dentro de mim de diversas formas, então cada hora eu sentia uma coisa. Preciso falar mais, mas não sei se é por aí, é que esse assunto está muito me interessando agora. Eu realmente tô nadando nessa água. Um amigo médico dizia que a gravidez é um milagre. Eu nunca compartilhei muito dessa opinião científica dele. Pelo contrário, o meu médico obstetra era uma referência no parto humanizado e sempre me dizia que as mulheres têm filho há milênios e a medicina obstetrícia tem apenas umas centenas de anos. As mulheres sabem muito mais do que os obstetras. Mas esse meu amigo médico dizia que, quem estuda medicina sabe de tantas possibilidades de não dar certo que, a única resposta para um parto é que é um milagre. Apesar de não concordar com ele, eu acho isso tão bonito. O semelhante gerar o semelhante é um dos princípios da alquimia. Essa coisa de transformar o metal em ouro é só uma desculpa pra se chegar na criação de um ser. Toda a procura mais oculta da alquimia é a procura pela criação. Como se gera um ser? Como é possível? Essa é toda a questão da criação do mundo, é uma coisa do mistério mais absoluto. Tem uma parte de um livro antigo da alquimia, acho que no “Codex Marciano”, que fala da divindade da mitologia egípcia, Ísis, que remonta o pai esquartejado, e uma série de coisas que lidam com essa questão do ser humano, da integridade das partes, dele ser parte e ser todo, que é um problema do místico, da busca por uma integridade. É muito diferente você estar grávida do que você ter filhx, não são necessariamente continuidades, é uma continuidade que tem rupturas, mudanças muito intensas. No meu caso, teve muita mudança ao mesmo tempo, muita novidade, muitos sentimentos e

desafios e conquistas, tudo ao mesmo tempo. Eu morava no Rio, naquele começo de carreira, finalmente concretizando e assumindo pra mim mesma a carreira de artista que foi uma questão pra mim, porque eu sempre vi isso como o trabalho da minha mãe. Mas eu sempre tive a certeza de que queria trabalhar com criação. E aí foi o momento em que eu realmente assumi, veio pra mim. Daí veio a pintura também, eu não sou presa à pintura mas foi o meio que eu escolhi porque eu tenho intimidade, desde pequena eu convivo no ateliê, então foi uma forma de expressão mais coerente. Tava tudo certo mas eu sentia uma angústia, uma solidão, um vazio que eu não entendia o porquê, acho que era a falta de viver um amor. Daí eu conheci o meu companheiro e foi tudo muito rápido. Ele já morava na França há muito tempo, com dois filhos gêmeos. Eu tava livre e com um trabalho que dava pra fazer em qualquer lugar do mundo. Então vamo embora, vamo viver essa história. Em menos de um ano, me organizei e me mudei. Quando eu cheguei, com uma mala e um cachorro, no mês seguinte eu engravidei. Foi tudo muito rápido. A primeira sensação foi aquele susto mesmo, um mix de emoção, felicidade, com muito medo desse novo, do desconhecido. Depois foi: “eu não tô mais sozinha”. Então toda aquela solidão que eu sentia sei lá porquê dentro de mim eu não senti mais, mas daí vieram muitas outras sensações. Eu me lembro que quando eu fiquei grávida, eu não planejava, na verdade eu nem planejava ser mãe, era uma coisa que não fazia muito parte dos meus planos de vida, mas se eu ficasse grávida, se acontecesse, tudo certo. Eu também não tinha muito essa ideia na minha cabeça, achava estranho até as pessoas falarem que tem uma hora em que você começa a sentir essa vontade. Engraçado é que de fato isso aconteceu comigo e com o meu companheiro. E se a gente tiver umx filhx um dia? E quando eu comecei a pensar, me vieram várias questões, porque ter umx filhx, na minha cabeça, é você conduzir um ser humano e isso é uma coisa que te dá muita responsabilidade. Não consigo pensar nisso de uma forma tão leve, é muito pesado. A vida e o trabalho que eu tenho parecia não caber isso, a maternidade. Então eu pensei que nunca ia acontecer. E quando aconteceu, foi um choque nos primeiros meses. Parecia que eu estava meio vivendo um sonho, não entendia. Ficava assim, “será? o que será que vai acontecer comigo?” Acabo de descobrir que estou grávida novamente. Um lapso de novo. Quantos lapsos existem no mundo? (risos)

Quando descobri que estava grávida, todos da minha família falavam em coro: “você será uma ótima mãe. Você adora crianças!” Eu achava isso bobo, redutor. Achava o que sempre soube, as pessoas te conhecem pouco. Em doze anos de casamento nunca quis ser mãe. Achava pesado demais. Ser mãe não era definição do que é ser mulher. Então eu estava ali grávida e decidindo se queria ou não umx filhx. Meu marido me disse: “estou contigo. A escolha é sua.” Outro clichê, né?! Reconfortante, mas nem tanto. Poxa, estamos casados há milênios. Você quer ter umx bebê comigo ou não? (silêncio) Dormi e acordei achando que estava perdendo x bebê. Corri para o banheiro e escorreguei no meu próprio xixi. Foi assim que decidi ter meu primeiro filho. Dali, um mês depois, sentia meu corpo pesado. Falta de vontade de fazer qualquer coisa.

Não queria sair da cama ou do sofá. Depois começaram as crises de ansiedade, a angústia, os pensamentos de morte. Comecei a pensar no meu pai que perdi com um ano de vida. Um infarto fulminante, durante um exame. Minha mãe tinha duas filhas e estava com 32 anos. Eu estava grávida pela primeira vez com 33. As crises foram aumentando. Ligava para as pessoas e pedia ajuda. Vem aqui ficar comigo, quero pular da janela. E as amigas vinham, os amigos também. Minha família fingia que nada estava acontecendo comigo: mãe, irmã, cunhado, marido etc. Minha sogra dizia: “sua vida é maravilhosa. Seu marido te ama. Toda mulher quer ter um filho. Reze, minha filha”. Eu apenas queria jogá-la pela janela e me jogar depois. Troquei de psiquiatra, troquei de analista, troquei inclusive de ginecologista, que pedia para eu ler *Mindfulness* e acreditar que toda alma que vem, tem que estar na Terra. Ainda acredito que quem nunca teve depressão não entende. Como não é uma doença como catapora, câncer, febre amarela, e nossa sociedade é regida por esse saber médico do sintoma = remédio... ninguém queria/quer tentar entender muito, na verdade. E, a meu ver, nem os próprios psiquiatras.

Foi difícil o início da gravidez. Depois eu fui aceitando e curtindo a história. Passei a ler várias coisas, a adentrar esse mundo da maternidade, a ter um pouco mais de entendimento de tudo o que a maternidade traz pras mulheres e pras famílias por consequência. Me preparei muito pro meu parto, estudei muito, porque infelizmente no Brasil se você não estuda, não corre atrás dos seus direitos, você fica refém de uma estrutura que quer mandar em você, no seu corpo e na sua mente, e não necessariamente faz o que é melhor pra você. Aí eu comecei a entrar de cabeça até que a minha filha nasceu. De fato acho que a gente tem que conversar mais sobre esses assuntos porque as experiências atravessam muito todos os canais da vida. Pra mim, se não for uma mudança estrutural, ela não serve muito, não serve de nada, fico pensando muito sobre isso na minha maternagem, no meu cotidiano com a minha filha. Bom, como que eu começo? Qualquer escrita depois da maternidade é também uma escrita sobre a maternidade.

Precisamos também falar de aborto, todos os tipos. Vou contar uma parte do aborto que estou atravessando. No início de dezembro descobri com total espanto que estava grávida (aqui caberia mais de mil páginas, o corpo, emoções, toda força, minha compreensão da vida, tudo isso foi multiplicado ao cubo enquanto fui abduzida por um disco voador desse vasto mundo). No dia 24 começou um sangramento, descobri então que a gestação simplesmente parou há duas semanas. Na sexta passada quando o sangramento forte começou eu tava na rua, ainda em comemoração natalina, junto com minha irmã e a família, num restaurante tradicional de origem húngara. A enxurrada começou, fui correndo para casa, desci do carro com o vestido branco ensanguentado, o porteiro reparou, senti o olhar. Passei a noite sangrando litros, fiz questão de guardar o máximo desse sangue e outras coisas espessas que saíam junto, sentada no balde deixava descer, foi assim a noite toda. Litros, litros, quantidade impressionante. No dia seguinte me sentia muito fraca, pressão baixa, perdi muito muito sangue. Como é bonito o sangue. De

tarde, mesmo com a cabeça rodando fui até a floresta, pela trilha que conheço, fui para um lugar bem escolhido, no pé de uma árvore que eu adoro, deixei tudo ali por cima da terra, cobri com folhas, conversei com o mundo daquele *hermoso* dia de verão azul. Fui ao rio, lavei o balde, me lavei, tive medo de desmaiar, mas que nada, deu tudo certo, a luz era de ouro, a floresta toda era amiga, me recebeu, me amou. Achei bom fazer assim, deixar ir pela privada me parecia tristonho. Fiquei muito doída por que não pensava em ser mãe de outra criança mas como por magia aceitei a gravidez e comecei a gostar muito da ideia, era estranho pois, a cabeça, os medos concretos de ter de parar de trabalhar por um tempo, as questões financeiras, questões do casamento, tudo dizia que era melhor não ter, mas por dentro uma força mágica, do além, me dava a certeza que era uma sorte, uma coisa linda acontecendo aqui na minha vida. A descoberta da gravidez e o aborto foram dois abalos sísmicos consideráveis. Muitos aprendizados ao mesmo tempo que me pedem atenção e consideração. Eu voltei da França pra morar no Brasil meio que pra ter a minha filha. Eu estava namorando há dois anos à distância e queria muito ter filhx. Queria já no casamento anterior. Eu era casada com um cara que eu amo muito, que é muito amigo, e que não queria ter filhxs. Ele é fotógrafo de cinema também, trabalha viajando pra lá e pra cá. Ele tem uma filha, então acho que ele sacou que não dava, e não queria ter filhxs, era uma coisa dita. Então tinha esse desejo que eu nem sabia o que significava. A gente ficou um ano liberado, transando loucamente, plantando bananeira pra engravidar, e nesse ano eu estava me readaptando no Brasil. Fui procurar as pessoas para trabalhar e não era fácil, demorou um pouco pra coisa do trabalho (o de alimentar), começar a rolar. Daí eu tinha tempo, eu tive tempo na gravidez e quando a minha filha nasceu. A gravidez foi um momento de grande produção de filmes. Eu faço muito isso, eu vou captando, daí o tempo passa e eu volto nas imagens de um ano, dois anos atrás, e monto com esse *delay*. Então eu acho que eu montei dois filmes na gravidez e quando a minha filha nasceu os filmes começaram a circular, a aparecer. Eu estava meio brigada com o cinema, com o festival de cinema clássico, porque eu achava que os meus filmes não se encaixavam. Acho que antes da minha filha completar um mês, um curta meu ganhou um prêmio no festival “Semana de Realizadores” e foi muito legal. Eu deixei ela em casa depois de uma mamada, ela era muito pequena ainda, eu saí correndo, recebi o prêmio feliz da vida, e voltei. Eu tenho essas duas frentes. Tenho o trabalho que faz comer, que não é o mesmo trabalho que faz sonhar, que é o meu trabalho pessoal. Esse tempo do comecinho eu pude usar bastante pra mergulhar nisso, porque a vida ficou reduzida entre ser mãe e poder fazer meus filmes. Deu pra juntar essas duas coisas. Em vez de me afastar, na verdade me aproximou. Eu montei uma exposição, fiz a galeria toda e, 10 dias depois, eu pari. Foi super legal passar a gestação trabalhando e pensando, seguindo a minha pesquisa.

Antes de eu ficar grávida eu vi o “Renascimento do Parto” e foi um filme que me tocou muito. Uns 3 anos depois eu engravidei e tive a certeza de que eu queria parir em casa, um parto

respeitoso, que ela pudesse chegar no lugar onde eu me sinto bem. Na noite anterior, eu já sabia que ela ia nascer. Eu estava com 38 semanas. Antes de dormir eu senti um ploc dentro de mim, como se fosse uma bolha de ar estourando. Levantei pra verificar e tinha uma aguinha escorrendo, mas voltei pra cama. Fiquei sentindo a contração, mas não era ainda o trabalho de parto. De manhã a enfermeira obstétrica chegou, mediu, avaliou e disse “talvez demore ainda, então vai almoçar, vai dar um passeio, e a gente vai se falando.” Isso eram 8 horas da manhã. Quando deu umas 10, eu fui deitar. Levantei logo em seguida porque não estava aguentando de tanta dor. A partir daí foi um trem descarrilhado, eu comecei a sentir muita dor, entrei no chuveiro, foi aliviando. Mas as contrações vinham, vinham, e achei literalmente que eu ia cagar a minha filha, eu sentia tudo atrás, com o períneo expandindo. Achei que ia nascer antes da parteira chegar. Quando ela chegou, me senti muito segura. Perguntei pra ela se já ia nascer e ela me disse: “o quê que você acha?” Eu queria ficar de pé, eu precisava estar conectada, com o pé no chão. Daí entrei naquela partolândia, desliguei de tudo. Meu companheiro pegou a câmera pra fotografar, fez dois cliques, eu pedi pra ele por favor não fotografar. Eu entrei num estado muito de alfa, pé firme no chão. A contração veio, eu fechei o olho e vi a expansão do universo, foi muito doido, foi a imagem que eu vi. Eu tomei consciência de que era a hora. Minha filha nasceu, veio pra mim, foi tipo uma coisa inacreditável. Veio pro meu colo e ficou mais de uma hora ali, mamando no peito, e eu me senti totalmente drogada. Realmente estava, era ocitocina pura. Já recuperada, a parteira me disse que o cordão da minha filha era muito pequeno, por isso a cabeça tentava sair mas era puxada de volta. Ela teve que cortar o cordão antes da expulsão porque ele estava enrolado em volta do pescoço. Mas em nenhum momento eu tive medo, pensei em ir pro hospital, eu estava muito segura da minha escolha. Meu companheiro e a parteira também. Eu acreditava muito no meu corpo, na potência e na força, em momento nenhum eu questioneei essas escolhas que eu fiz. Não é uma história romantizada. Depois que eu pari eu posso fazer qualquer coisa, mover mundos, e isso é muito lindo. Eu tive um parto orgásmico. Não foi por causa da fadinha, não foi por causa de nada daquilo, mas também foi de entender como é que o meu corpo estava funcionando. E aí vem uma questão que eu acho muito importante de colocar dentro da minha intelectualidade que é a ideia de como a gente desenvolve um corpo intelectual. Não é à toa que se chama corpo intelectual, porque a gente separa muito essa ideia de corpo, de alma. Tem uma eurocentralidade que separa muito isso e é completamente desnecessária. Eu acho que tem uma inteligência que a gente pode dar nisso, e aí pensar essa maternagem muito mais como uma linguagem, como um contato com uma linguagem do que qualquer outra coisa. Eu tava lendo muito sobre parto humanizado, violência obstétrica. Encontrei mais ou menos alguma literatura sugerida por algumas amigas que tinham acabado de ter filho. Sabia que tinha um puerpério difícil. Tinha visto até alguns vídeos no Youtube sobre parto sem dor, então eu achei que eu estava um pouco preparada. Eu fiz um curso com doulas e eram dois dias inteiros. No

primeiro encontro eu fui sozinha e no segundo fui com o meu companheiro. Eu achei que estava arrasando, que ia ser super fácil. Nesse curso, uma das doulas me perguntou se eu queria ter parto normal, porque eram aquelas mulheres mais alternativas, então a maioria queria ter parto normal e algumas queriam ter parto domiciliar, o que me assustava um pouco. Eu nunca tinha pensado sobre o assunto. E a resposta que eu dei foi: “eu vou tentar o parto normal no hospital, mas se o médico disser que precisa, eu não tenho o menor problema em fazer a cesárea.” Havia mulher lá que dizia que cesárea só no último caso. Eu estava na casa da minha mãe quando comecei a ter as contrações. Eu senti uma dor tão absurda que eu disse que queria anestesia imediata. Meu companheiro estava longe e meu tio me levou pro hospital. Cheguei lá e um médico super bruto me atendeu. O meu médico demorou pra chegar e eu passei uma madrugada de horrores. Não tinha banho quente. A anestesia só chegou 6:00 da manhã. Melhorou um pouco mas eu tive uma dor muscular na perna que não passou. Meu filho só nasceu 12:45 de cesariana. Eu não aguentava mais depois de 12 horas de trabalho de parto. Ele nasceu super lindo, foi um pouquinho pro meu peito, tipo nem um minuto, e já levaram ele embora. Ou seja, tudo aquilo que eu tinha lido, que tinha que amamentar, não rolou. Fiquei lá sendo costurada, chorando, bem desesperada, cansada, com medo. Primeiro filho, 4 horas de parto. Ele foi cuspidado, literalmente. Me lembro de ter pensado na minha gatinha que vi parindo algumas vezes. Ela ia para um cantinho e ficava ali tendo cria por cria bem quietinha. Depois lambia todas. Pensei, no momento mais crítico da dor, se ela pode eu posso. Não tinha quarto especial. Tive parto normal em uma sala cirúrgica. Estava suja de xixi e água. Lembro sempre do cordão umbilical imenso, batendo forte, tipo um coração, eu pensei. É a imagem que guardo do meu parto. Ele era de um azul ciano reluzente e vermelho misturados. O bebê nasceu, eu tinha leite. Meu corpo dava sinais de que estava tudo bem, mas eu não estava bem. Chorava todos os dias. Minha família fingia que nada acontecia. Ainda queria me jogar da janela. Agora queria me jogar com ele da janela. Quando o meu filho nasceu eu trabalhava no MAM, cursava o mestrado em Artes na UERJ e minha mãe tinha morrido dois meses antes. Tudo o que eu queria era ser acolhida, abraçada, cuidada. Mas eu que tinha que fazer isso com o meu filho. Um misto de luto, maior tristeza do mundo, com uma alegria tão grande quanto. Tudo junto e misturado. Mesmo recebendo esse acolhimento e carinho de muitas pessoas, eu me sentia órfã ao extremo. Nunca preenchida pelos cuidados. Eu não tenho como dizer que foi tranquilo o puerpério e os anos seguintes. A vida não parava para eu me cuidar e minha família toda estava em luto. Aconteceram mais inúmeras situações que fragilizavam a mim e à minha família. Sempre foi muito evidente para mim como a experiência da maternidade caminha colada na condição de classe social, contexto territorial e social, religião e sobretudo de corpo de cada pessoa (idade, raça, gorda/magra, gênero/sexualidade, traumas, complexos...). Nas tramas geradas a partir dessas combinações, nas subjetividades, mas que ainda assim pode haver

pontos em comum. As falas, relatos, vão passar sempre por esses caminhos. No dito e no não dito.

Do que eu me lembro desse primeiro momento... Eu vinha de uma experiência criativa, de produção, de trabalho intelectual que sempre foi bastante caótica, sempre consegui produzir muito bem numa certa bagunça, também porque sempre fiz muitas coisas diferentes. Sempre tive essa questão de uma certa concomitância de práticas, de estudo. Isso me ajudou muito no momento em que eu tive os meus filhos porque eu sempre produzi na confusão. Não foi uma ruptura tão grande. Com os filhos, as práticas mais longas elas acabam ficando mais interrompidas. Eu já vivia uma vida de muitos atravessamentos e muitas interrupções entre as várias atividades, os meus interesses diferentes. Esse momento de ser mãe, pra mim é até meio difícil de explicar, porque não foi uma coisa assim de tempos concorrentes, e aí que eu acho que é o grande mistério. Se começar a pensar demais, é, realmente, eu tive um filho numa época muito louca, mas acho que sempre é. É muito curioso porque quando x bebê chega em casa, pelo menos pra mim, eu tive muito uma consciência de que era uma outra pessoa. Eu falei, “cara, essa pessoa tá aqui agora na minha casa. Qual que é dessa pessoa?” X bebê não é uma página em branco. Isso definitivamente não é. Então você vai conhecendo aquela pessoinha né? É muito interessante isso tudo, esse processo de conhecimento dessa outra pessoa, e é uma relação que, nesses primeiros meses sobretudo, é muito intensa do ponto de vista corporal, mental. É uma experiência que tudo o que você passa naquele período está permeado por isso. Eu via muita gente com muitas questões quando engravidou, perguntas. Eu nunca fiquei me fazendo muitas perguntas. E é muito louco porque, depois que eu tive filho, parece que sempre tinha tido filho. Tem gente que fala que fica com dúvida como é que vai fazer. Não sei. Tanta coisa pra falar. Juro! Minha mãe, quando eu chorava com o bebê no colo, me perguntava se eu tinha tomado o remédio direitinho. Passei três meses dizendo para minha psiquiatra que aquele remédio não me fazia bem. Eu tomava e piorava. Ela me dizia: “impossível.” Minha mãe repetia: “se a psiquiatra disse...” Até que, certo dia, a mesma psiquiatra me disse, “preciso rever seus medicamentos, pois em 10% da população, esse remédio causa efeitos reversos.” Hã? Por que ela não acreditou em mim quando eu repetia e repetia e repetia que aquele remédio piorava meus sintomas? Eu estava morando no Rio na época. O Rio começou a ficar bastante impossível na minha estrutura familiar, financeira e tudo, e eu decidi voltar para BH. Eu voltei a conviver com a minha mãe e foi muito impactante voltar a conviver com ela tendo me tornado mãe. Quando eu morava no Rio, a gente tinha uma relação distante, se falava e tudo, mas não era muito próxima, não só por não estar na mesma cidade, mas eu acho que, intimamente, afetuosamente, não fazia parte de um cotidiano. Quando eu voltei pra cá, a gente retomou esse contato, até porque a gente morou provisoriamente numa mesma casa, e isso foi muito visceral. Cometemos aquele erro básico de pais de primeira viagem e fomos com a criança pra casa dos pais do meu companheiro. Minha

mãe falava que eu ia precisar de ajuda, a gente morava numa casa com escada, não tinha ninguém pra cozinhar, a gente precisaria de um certo conforto. Foram dez dias de completo horror. Naqueles primeiros dias que o peito está muito grande, gigante, e a criança não consegue mamar direito. Meu filho teve dificuldade de pegar a embocadura, aí ficava aquela tensão em volta, ele não parava de chorar. E quando ele começava a chorar no meu colo, a minha sogra vinha e tirava ele, pra levar não sei pra onde, e ficava sacudindo para ele parar de chorar, e a criança berrava porque tinha fome. Em dez dias, ele tinha que emagrecer o que seria o normal, mas ele emagreceu um quilo e ficou muito magro. A gente levou no pediatra e o médico se assustou. A gente entrou com fórmula e com 23 dias ele desmamou, porque ele preferia a mamadeira. Foi um período péssimo de puerpério. O meu companheiro e a minha sogra dizendo que eu não tinha leite, que eu não dava mamá direito, e eu só chorava, só chorava, só chorava. Mas eu tinha um grupo no *Facebook*, o “Santas Mães”, e lá eu consegui o contato de uma consultora de amamentação. Ela foi lá em casa e disse que eu tinha muito leite, que eu só precisava de um jeitinho de entender melhor a questão toda, e ele voltou a mamar. E quando ele voltou a mamar, a gente mudou de pediatra, porque ele achava que era isso mesmo, que tinha que dar o leite em pó. A nova pediatra mandando tirar esse leite em pó que não fazia sentido. Eu fui voltando a dar o mamá do peito e depois de um mês e pouquinho ele estava mamando de novo e ele mamou até 2 anos e 3 meses. A parada foi muito radical. Eu não tinha entendido o tanto de conhecimento, o tanto de coisas que você precisava entender, mas acho que é um processo muito particular mesmo. Eu não tava ligada no que eu ia enfrentar. Eu lembro que o primeiro mês, acho que os três primeiros meses, foram muito difíceis. Mesmo eu tendo muito apoio em casa, da minha família, dos meus pais e do meu companheiro, parece que ninguém sabia muito bem o que fazer. Nem eu. Fui aprendendo ali na raça mesmo. Nesses primeiros meses, bem nesse início mesmo, um pouquinho mais, eu não me entendia como eu. Até outro dia eu estava lendo alguma coisa nas redes sociais sobre uma exposição que estava acontecendo que fala sobre o que cria dentro da gente quando a gente cria alguém. Eu ficava pensando o quê que isso fez comigo. Eu já não conseguia pensar em mim. Depois do inferno inicial, a gente voltou a morar na nossa casa, as coisas foram se encaixando e a gente entendendo um pouco mais. Eu e meu companheiro não queríamos voltar a trabalhar. A gente fazia planos de ir morar no mato, sair do Rio de Janeiro. Meu filho nasceu em maio de 2013, bem nas épocas das manifestações em junho, eu amamentando na Lapa e ouvindo aquelas manifestações loucas ali embaixo, bombas de madrugada. Meu companheiro acordou um dia dizendo que ia voltar a ditadura, que a gente tinha que ir embora, que a gente ia ser perseguido. Estávamos panicados, todo mundo na rua, e a gente amamentando aquele filhotinho, só ouvindo a confusão e as bombas.

Foi tudo um processo. Então fiquei dois anos ali. Indo para análise três vezes na semana e cuidando do meu bebê. Ainda hoje acho difícil trabalhar. Era daquelas pessoas que precisava de

doze horas seguidas para escrever três páginas. Quase três anos depois do nascimento do meu primeiro filho tenho em média quatro horas por dia de escrita, trabalho. Quero fazer mil coisas, projetos de exposição, trabalhos de publicação, traduções, mas as mil coisas e os mil planos ficam aqui guardados porque, no final, opto sempre por estar com ele. Não consigo cortar esse cordão. Quer dizer, às vezes até consigo. Uma grande amiga me perguntou se eu tinha percebido a transformação dela depois de ter sido mãe. Eu disse: “não.” Suas neuroses estão todas aí contigo. (risos) A gente muda e não muda, acho. Não tenho nenhum romantismo em relação à gravidez e à maternidade, porém, talvez, eu seja uma das mais românticas. Tenho uma amiga que me dizia que jamais teria parto normal com medo de fazer cocô na frente da equipe médica. Por que não podemos mostrar vulnerabilidade se estamos, sim, em um momento vulnerável? Outra me disse que se sentia um bicho dando de mamar. Ué, mas a gente é um bichinho mesmo, eu pensei. Toda a morbidez da minha gravidez parece reflexo da morbidez da nossa sociedade contemporânea. Mas essa morbidez que está nos meios de comunicação, em todo lado, é paradoxalmente mascarada pela circulação das imagens e das notícias. Tem uma relação entre vulnerabilidade/morbidez/o não querer pensar em morte.

Da disponibilidade, acho que essa é a palavra, já não é a mesma para se entrar até o fim. Quando a minha prática virou a minha pesquisa eu realmente pensei que eu ia produzir muito mais do que eu produzi, porque eu engravidei, tive filhx. A maternidade me fez entender que eu não tenho o controle, que é puro descontrole; um descontrole das horas, do dia, os primeiros seis meses pra mim foram um grande mesmo dia que eu estava presa ali naquele dia da marmota. Então encontrar as brechas com ela no colo, amamentando, com uma mão só, anotando com a mão esquerda, começou a sair, o trabalho começou a fluir com mais verticalidade porque o tempo fica muito curto e eu precisava fazer render as horas e, inicialmente, eu só tinha um dia por semana, 3 horas, que era quando ela ficava com a minha sogra e agora tô conquistando aos poucos o meu contorno de novo. O tempo é o que eu tenho aprendido, especialmente no meu fazer artístico, a dominar e a compreender, e como que eu posso me dividir em várias. Eu tô aprendendo, quando eu estou cansada, a não trabalhar, entender que o tempo tá estendido e que eu não vou dar conta mesmo. A gente fala disso na Cooperativa (de Mulheres Artistas). Não damos conta de tudo. Porque a gente faz várias jornadas: é a jornada em casa, no trabalho, fora de casa, de um trabalho que se você tem que fazer em outro trabalho, na universidade, a jornada de ativista, é o trabalho de ser alguém, então são muitas jornadas para além de ser mãe. Dar conta de tudo o tempo todo não é saudável. Tem algo de ser mãe que é muito importante no meu trabalho, de como eu cuido do meu filho, eu também quero cuidar do meu trabalho, cuidar de mim, então quando eu falo que eu não dou conta, é também o momento de eu conseguir parar, porque talvez antes do filho, eu ia no limite, eu ia pelo tempo do mundo, e não pelo meu tempo, então o filho te obriga a parar e a retomar um contato contigo. Eu tenho vivido muito isso, de falar, “caraca, tá

tranquilo”. Desde então, temos aí 1 ano e 6 meses, só agora que eu comecei a dar um respiro. Passei a respirar um pouquinho e pensar um pouco mais em mim de novo. Até então eu não consegui muito. Isso é muito louco. Eu acho que nos moldes sociais contemporâneos é muito cruel, porque a gente tem um desejo de desempenhar um papel, a gente desempenha, só que essa relação química que acontece com a gente pós-maternidade é muito de cada pessoa mesmo e é muito forte, muito transformador. Eu entendo que o tempo é muito necessário aí e nem sempre a gente tem esse tempo. Talvez a maior diferença que eu sinto é uma coisa de energia, que agora eu sinto estar recuperando, uma energia que eu tava ali com tudo pra aquilo, sentando, escrevendo, pensando, não que eu não tivesse minhas dificuldades e inércias, sempre tive uma certa inércia pra começar a trabalhar, e na hora que vai, vai, como se fosse uma coisa meio assim intermitente, e isso sempre existiu e não tem nada a ver com o nascimento do meu filho. Eu sinto é como se o cansaço não fosse só físico, fosse um cansaço mental também, ou como se o cansaço físico interferisse no espaço mental, ou não só o cansaço, mas como se a gente não tivesse mais aquele espaço na cabeça pra poder pensar aquelas coisas, uma energia mesmo, um gás. Eu acho que com a vinda dele rolou sim uma certa pausa, digamos, no meu processo de pesquisa, eu acho que mais do que no processo, no ritmo. Eu acho que pra todo mundo quando chega umx filhx, muda a dinâmica do cotidiano. Eu ficava muito agoniada de não poder trabalhar. O meu ateliê agora é onde a gente morava, exatamente onde era o quarto do meu filho, então é um lugar que tem uma estrutura para recebê-lo. É uma bagunça quando ele vai lá, porque ele também não deixa eu trabalhar exatamente, mas tem uma estrutura que eu posso, no meio do caminho, chegar lá e deixar ele dormindo. Tem uma estrutura de casa que facilita muito.

Eu nem sei muito explicar. Eu acho que rola um isolamento, mas eu não sei nem se é, não é, no meu caso, porque eu acho que é muito particular. Eu tenho amigas artistas que não mudou, sabe?, o ritmo não mudou tanto assim. Elas conseguiam trabalhar super bem com x bebê. Consigo pensar em duas assim, particularmente, que botavam x bebê ali no cantinho de ateliê e ia junto, sabe? Eu achava que eu ia ser assim também. No meu caso não foi. Eu demorei um pouco mais. Mas eu realmente acho que é muito particular, como toda maternidade é. Eu tenho ainda muita dificuldade de criação, eu sinto que o meu tempo é muito fragmentado. Eu sinto falta de processos nos meus processos artísticos. Eu nunca consegui juntar o meu trabalho individual com o trabalho que eu faço fora, apesar de achar que está tudo meio interligado. Eu sinto falta de poder estar mais presente no meu ateliê. Mas o que pegou pra mim foi o seguinte: ok, eu preciso de tempo pra mim também, preciso de tempo de concentração, mas como é que faz? Pra poder ter isso, eu preciso subalternizar uma pessoa. Então como eu subalternizo alguém pra poder criar condições de produzir o meu trabalho? E essa pessoa que eu estou subalternizando pra cuidar da minha filha, essa mulher, quem que ela está subalternizando para cuidar dxs filhxs dela? Quando você vê, você está presa numa cadeia de mulheres que estão se subalternizando, se explorando de

uma certa maneira, para dar conta de entrar num rolo processor produtivista moderno-contemporâneo. Por quê? Essa pra mim que é a questão.

Eu tenho um trabalho que se chama “Breve cronografia dos desmanches” que eu comecei a observar quando teve uma grande aceleração do mercado imobiliário, em 2012, que eu saía de manhã e quando eu via tinham cinco casas demolidas de uma vez para construir um prédio. Depois passava um pouco e já tinham mais tantas casas, isso tudo numa área muito pequena, muito próximo de mim. Eu tinha acabado de ter filha, tinha muito pouco tempo. Começou a ter notícia das ocupações que pegavam fogo, favela que pegava fogo, de desabamento. Então eu resolvi fazer esse trabalho que era justamente da observação da cidade, contemplando essas coisas que estavam acontecendo, com pequenos textos que eu chamo de cronografia, mas a gente podia chamar de tipologia em formato de crônica. A escrita tem esse tempo do pensamento. Eu fiz isso justamente quando a minha filha tinha poucos meses, quando saía para passear com ela. Eu acho até que depois que ela nasceu, parece que foi um acelerador histórico, digamos assim. Minha gravidez foi muito boa, não tive nenhum problema, não tive depressão pós-parto e eu era uma mãe bem feliz nesse momento, apesar desse trabalho, que é uma continuação das minhas questões. Talvez né, têm alguns textos especificamente que me reenviam à minha infância, a lugares que eu cresci vendo uma paisagem que de repente mudou, e claro que isso deve ter alguma reverberação, mas diretamente assim, eu não sei, sabe? “Devastação” são retratos de mães e filhas. Eu fiz o trabalho quando a minha filha devia ter 4 anos já. É um trabalho brutalmente atravessado pela maternidade, por eu ter me tornado mãe e por ter voltado a conviver com a minha mãe, essa avalanche de sentimentos confusos que a gente tem com tudo isso, sentimentos fortes e bonitos e calorosos, como também sentimentos violentos de toda ordem. Eu voltei a trabalhar aos pouquinhos. Meu filho tinha uns seis meses. Eu ganhei um prêmio da Funarte, *Mulheres nas Artes Visuais*. Fiz o livro da Julieta de França. Mas foi uma decisão séria de que eu não faria mais produção, faria coisas que eu gostasse mais. Foi uma guinada para começar a escrever. Comecei a fazer projetos que eu estava idealizando, fazendo curadoria ou pesquisa. Eu não queria um trabalho fixo porque o meu filho só tinha 2 anos e eu queria continuar amamentando. Eu recusei naquela época. Eu só comecei a trabalhar fixo no MAR, 40 horas, quando o meu filho já tinha 3 anos e meio. Acho que a coisa mais forte pra mim é que eu sinto até hoje, ele fez 3 anos agora, como se eu aos poucos fosse voltando a sentir o mundo como ele é mesmo, como ele era pra mim, a me sentir no mundo, na verdade, como eu me sentia antes, muito aos poucos. A sensação que eu tenho é como se eu estivesse englobada num treco assim, numa nuvem, num é uma nuvem porque não era nebuloso, mas num universo, que não via fora, sabe? Acho que talvez seja isso. E eu sinto que eu, aos poucos, desde que ele nasceu, aos poucos esse lugar vai chegando de volta. Eu vou voltando a ver o mundo e a me sentir no mundo como uma pessoa que pode ir e vir. Sei lá, que se alegra com as coisas do mundo. Eu acho que eu fiquei

muito absorvida, no bom sentido. Eu acho que eu queria muito ter filhx, então, quando ele nasceu, eu fui com tudo. Abri mão de tudo com nenhum problema. Hoje eu até repenso isso um pouco porque às vezes pode ter um certo excesso que a longo prazo não é bom, nem pra gente, nem prxs nossxs filhxs. Eu sinto como se aos poucos eu fosse voltando, recuperando uma coisa boa da relação com as coisas e com o mundo, redescobindo o se sentir no mundo como era antes. Foi uma coisa que eu pedi pro pai, que ele tinha que abrir mão de alguma coisa pra minha criação. Ele não teve resistência nenhuma, ele é bem parceiro, e a gente ficou três meses em Portugal. Eu fiz muita coisa lá. No primeiro mês eu não conseguia fazer absolutamente nada, porque eu só pensava em amamentar, literatura sobre infância e todo aquele universo, então foi ali que eu consegui me libertar e ter tempo pra isso. Meu filho entrou pra uma escola e ficava em tempo integral. Ele super se adaptou, deu tudo certo, então eu consegui fazer muita coisa. Mas como eu lido muito com pornografia, erotismo, então isso também era meio difícil, numa época em que eu não tinha muito o erótico dentro de mim. A minha pulsão erótica, ligada ao sexo, estava muito baixa. Então ali também foi uma redescoberta enquanto casal, porque a gente tinha tempo pra transar e era uma maravilha, e também uma redescoberta do meu próprio trabalho. Meu filho curti muito ir lá, ver o que era o trabalho. Acho que porque eu saía de casa e dizia “vou trabalhar, vou trabalhar”, e isso era uma categoria totalmente abstrata na vida dele, e eu não me dava conta disso. Na hora em que ele viu o que era, acho que ele tanto curtiu o que era, como aquilo ganhar uma imagem, uma coisa concreta, foi muito maneiro. Então sempre que é um trabalho que dá, eu levo ele, porque eu acho que ele vai curtir e eu também. Ele me ajudou a arrumar as coisas, ficou com aquilo na cabeça: “ah o seu trabalho”. Eu sinto um prazer em ir mostrando o mundo mesmo, mostrando as coisas que a gente faz, as coisas que a gente gosta. A gente não precisa parar de trabalhar, a gente não precisa parar de ser a gente, é só se adaptar. Tenho aprendido a adaptar os meus horários, as minhas organizações. Eu sempre fui muito indisciplinada e isso tem ajudado a organizar a minha rotina, a ser mais disciplinada, a também não me culpar muito. Não deu pra fazer hoje, tudo bem, não deu pra fazer hoje, mas de alguma forma eu tô fazendo. Eu posso não estar pintando, mas eu tô produzindo dentro de mim e isso uma hora vai sair, de alguma forma que eu não sei, mas vai, porque o trabalho fala muito pra gente. Eu sabia também que quando eu começasse, o trabalho ia me guiar e é o que tem acontecido. O trabalho está me mostrando os caminhos que eu tenho que seguir. Eu até tenho esse projeto que chama “Andar Imaginário”, que eu pesquiso e tenho essa coisa na mente de como o lugar, e o que a gente está vivendo, influencia no resultado do trabalho. É uma questão de se reinventar, de se organizar de uma forma diferente. Tanto que hoje, quando eu pinto e o meu filho está comigo, ele sempre pega o pincel e põe no meio do quadro, faz o rabisco dele. Eu podia ficar louca com isso, mas eu deixo. Um, que eu acho que é maravilhoso ver ele se adaptar, já desde sempre, a estar em contato com isso, como eu tive. Segundo, é que, hoje, os meus trabalhos

têm o traço dele, porque ele faz parte da minha vida, então eu não ligo. Óbvio que eu vou dar uma consertada aqui e ali, eu vou mexer, mas é como se fosse um amuletozinho de sorte. Ele vai lá, dá o toquezinho dele, e eu faço com que ele seja parte do meu dia-a-dia. A gente não precisa ter medo dessa interferência. É óbvio que vai mudar, mas sempre é de forma positiva, porque é um amor tão grande que a gente vive, é um sentimento tão de força. O trabalho que eu tô agora bastante focada é um trabalho que começou a surgir há 3 anos, logo depois que o meu filho nasceu. Não sinto que é uma coisa diretamente relacionada. Não sei, eu tô aqui pensando. Eu acho que é, engraçado né, difícil assim, porque, eu acho que ainda é um tanto complicado no mercado, ou sei lá, no entorno sabe, rola aquele breve apagamento da pessoa, mas também acho que tem muito de mim, por exemplo, eu também me isolei, eu também dei uma desaparecida digamos assim, que eu foquei bastante na coisa toda do filho nos primeiros seis meses. E aí a volta foi um músculo, sabe, pegando, reativando esse músculo, entendendo essa nova dinâmica, esse novo ritmo, e essa nova pessoa que eu também tava me tornando. Por que a gente muda tanto né, não sei de você, mas acho que rola uma mudança, assim, bastante intensa. Durante o primeiro ano foi 100% ele, eu não tinha energia de pensar em outra coisa, mas ao mesmo tempo eu ficava com aquela angústia muito forte sobre o quê que ia ser, quem eu sou. Eu realmente não consegui trabalhar. Mas eu sempre tinha essa certeza dentro de mim que eu tava ali dentro, alguma coisa estava mexendo, e alguma coisa ia sair em algum momento e que eu precisava entender como esse momento iria acontecer. De uma certa forma foi uma preparação pra hoje eu estar recomeçando e sendo uma nova artista, um novo propósito. Até o próprio assunto do trabalho, eu tô fazendo um retorno pra essa foto dentro de casa, nesse espaço doméstico, que é muito ligado à maternidade. Eu fotografei dentro de casa segurando ela literalmente com uma mão e a câmera com a outra. Fui fazendo o que dava. Daí surgiu toda essa pesquisa nova. Eu acho que eu estou muito dentro d'água ainda, dentro desse aquário, pra falar com muita clareza, mas eu já sinto também muitas mudanças positivas no meu trabalho, mais confiança e um pouco mais de foda-se. Eu vou fazer o que eu preciso, no tempo que eu tenho.

Eu não senti em nenhum momento que a coisa da maternidade me completava. Eu ainda sinto a mesma coisa que sempre me cutucou, me incentivou a pensar no trabalho visual, é totalmente outro compartimento. Esse lugar do artista, dessas questões, de questionamentos, de tentar achar um outro ponto de vista, de tentar dar prx outrx um olhar, ele não deixa de existir na hora em que você tem filhx, eu acho que se bobear até aumenta, porque você, não sei, dá uma vontade de contribuir até mais. Eu fiquei super feliz com esse seu contato porque, de alguma forma, ele apareceu como um espelho, porque eu tô num momento muito parecido, eu estou escrevendo a minha qualificação do doutorado. Eu tenho mais um mês de escrita. Entrei no doutorado grávida. Tive um processo de pesquisa muito marcado pela gravidez e pelo nascimento da minha filha, que vai fazer dois anos, mais ou menos junto com a qualificação. Eu entendo

plenamente essa impossibilidade de seguir com uma pesquisa ou até mesmo com um trabalho artístico sem alguma aproximação com a maternidade. Não que a gente vá fazer trabalhos apenas a partir disso, com essa temática, com essa propulsão, mas acho impossível não ter nada a ver, porque a gente é literalmente atravessada por esse acontecimento na vida. Eu acho muito legal você ter feito essa aderência à pesquisa desse assunto. Minha fala é muito cheia de voltas, até desculpa, mas tenho muita dificuldade de falar resumidamente, objetivamente, especialmente sobre esse tema. Hoje tô sozinha em casa e acabei de ouvir a neném chorando. Já volto.

Na entrevista para o doutorado me perguntaram: “você não pensa em engravidar não, né?” Eu tive os meus dois filhos durante o meu doutorado. Eu tive muito medo de como eu ia fazer. Pra mim a questão principal foi o sono. Eu passei anos sem dormir direito. Essas coisas da maternidade. Nos quatro primeiros anos, o maior desafio era continuar uma pesquisa com toda a questão de um trabalho intelectual de leituras nessas condições, de um cansaço muito grande, de uma falta de sono acumulada que vai minando o corpo, a mente, tudo pouco a pouco. O maior desafio era inventar outras formas de estar fazendo pesquisa e escrevendo. Mas o fato de estar fazendo um doutorado naquele momento, não precisar ter um outro trabalho, eu fazia também exposições, mas também não era num ritmo intenso, me deu uma possibilidade de encontrar uma outra maneira. Eu sou muito rápida, eu leio muito rápido, escrevo muito rápido, e fiquei muito lenta, me lembro dessa lentidão um pouco angustiante. Será que eu vou ficar assim lerda, não consigo escrever um parágrafo com a velocidade que eu tinha? Mas pouco a pouco eu voltei a essa velocidade. E a coisa de não poder dormir. Você engravidou, algumas amigas engravidaram, e eu falava: “meu deus”. Porque essa coisa de não poder dormir, de mudar completamente a rotina, de você não ter mais nenhuma liberdade em fazer o seu horário, ou decidir pra onde você vai. Isso não existe mais, principalmente quando x bebê é pequeno. Hoje, minha cabeça é um quebra-cabeça temporal. Meu corpo é cansaço, sempre. Fico calculando quantas horas por dia passei com ele. Agora, que me descobri grávida de novo, penso: “gente, como vai ser tudo? Vou dormir de novo?” Só penso que tenho que acabar minha tese. Depois penso no livro fragmentado que Oiticica nunca terminou. Aí penso em largar tudo e ser mãe em tempo integral. (risos) Depois da maternidade, o tempo sofre uma mudança. Primeiro que a nossa disponibilidade, pra gente mesmo, é absolutamente transformada com essa presença sem negociação que são xs filhxs. O ritmo maternal é muito outro. Duas filhas é uma multidão. Isso me coloca num ritmo de vida turbulenta, o tempo todo você está fazendo coisas ali, você leva e busca na escola, vai fazer um almoço, lava a louça, não tenho ajuda em casa, tenho uma faxineira que vem ocasionalmente. Agora minha mãe está pagando uma pessoa para me ajudar todos os dias aqui em casa porque eu preciso escrever. Esse ritmo de cuidar dxs filhxs é muito acelerado. Você tem coisas ali pra fazer e a criança não espera, é aquela hora dela, hora de comer, de dormir, de trocar a fralda, de brincar, de guardar as coisas, é uma coisa atrás da outra freneticamente. Ações, ações, ações, uma

depois da outra. E daí eu comecei a estudar e o estudo é lento. Pra você ler um livro, você demora. Você vai lendo e a leitura associada ao pensamento é lenta. Mas, no princípio, eu não entendia isso. “O negócio não vai, não anda, eu leio e não saio do lugar. Na hora de escrever, eu não escrevo nessas duas horas que eu tenho. Nossa, duas horas que eu tenho pra escrever e não produzo nada.” É uma dificuldade enorme de conciliar esses ritmos, da vida, da turbulência do cuidar, com o ritmo de outra natureza e velocidade que é a pesquisa, o trabalho artístico. Mesmo quem trabalha com fotografia, que é uma fração muito mínima de tempo, pra gente chegar nessa mínima fração é um tempo enorme. Por ser fotógrafa e por trabalhar quase que exclusivamente com fotografia, me exige estar num lugar, um deslocamento e uma presença que é difícil também nesse momento. Então a produção fotográfica acaba se voltando pra assuntos muito próximos do cotidiano por uma dificuldade física de também estar um pouco longe. Como é impossível deixar de pensar, criar, produzir, a gente acaba se lançando a esse universo mais próximo e mais íntimo. Também por isso. Com a fotografia eu não posso estar em qualquer lugar do mundo aqui dentro da minha casa cuidando das minhas filhas. Daí a gente vai lá na Virginia Woolf, quando ela diz que uma escritora não precisa de piano nem de modelos, nem de Paris, Viena ou Berlim, nem de mestres ou de amantes; que foi pelo preço baixo do papel que as mulheres deram certo como escritoras. Eu acho que foi mesmo pela disponibilidade insistente do papel e da caneta. A perspectiva de estudar, foi bom pra mim, ter esse lugar como lugar pra voltar, depois que eu me tornei mãe. Eu nem pensei, já tinha uma data para começar a voltar. A minha escrita ficou muito contaminada obviamente pela experiência da maternidade porque o meu olhar para o mundo se tornou outro, e eu coloquei muito a experiência da maternidade na minha escrita. De alguma maneira, me colocavam a pensar enquanto mãe, enquanto pessoa que está produzindo agora e como isso amplia e limita a minha escrita. Foi fundamental ter sido orientada por uma mulher, uma mulher que é mãe. Eu tive uma coisa de escrever pra mim, sempre que acontecia uma coisa mais emocionante, eu tenho algumas cartas que eu escrevi pro meu filho, curtas, bilhetes, mesmo no e-mail ou à mão, poucas, mas de momentos que foram importantes pra mim, ou que eu senti uma coisa, ou momentos de mudança dele. A maternidade me revira toda sempre. Mudou tudo com o meu filho já na barriga. Me vejo mais combativa, meu senso de justiça se intensificou bastante. A pesquisa sobre infâncias e racismo vem daí, junto com as artes visuais, literatura infantil e políticas públicas. Passamos por incontáveis situações de racismo, enquanto família inter-racial. O que a gente faz é muito sinistro, que é dar conta dessa experiência avassaladora que é ser mãe e produzir alguma coisa. Com o primeiro filho me entendi mais libertária do que já achava que era. Estamos presos, pelo menos eu, em alguns parâmetros burgueses. O filho me deu consciência e força para lutar contra modos tradicionais de estar no mundo e de como eu quero fazer parte do mundo, ao lado dele. Estou na luta por mim e por ele. Eu vou incluir a minha filha nos meus processos, portanto eu vou trabalhar com ela. Tive várias conversas com o meu

companheiro sobre isso. O pai, nesse sentido, quando você está numa relação hétero-cis, fica um pouco ressentido desse mundo ali, porque era uma coisa só, essa mulher com essa barriga e essa coisa por dentro, depois continua sendo uma coisa só que virou do avesso. Então ele fica meio de fora, não entende os processos, fica reativo, e a gente não consegue abrir muito a mão das coisas porque está acostumado a ser um só, tem um processo de separação que também é construído. E aí ele me perguntou: por que você está estetizando a sua relação com a sua filha? E eu achei uma pergunta um pouco alfinetante assim. Ele estava preocupado que eu transformasse a menina em tudo o que eu tinha, que era relevante pra mim, tipo a razão do meu viver, segundo uma impressão dele. Não se trata de estetizar a minha relação com a minha filha, se trata de incluí-la nos meus processos uma vez que, o me separar dela em mil instâncias, implica numa interferência complicada do mundo que eu não dou conta. Eu não dou conta de ter babá, de pagar 3 pau de escola. Não vou, me recuso. Não dou conta de estar sozinha, eu não consigo, porque ela está o tempo todo pedindo, junto, mamando, chegando, querendo atenção. Ou eu incluía ela nos meus processos, ou me separava dela pra ser mais uma artista que faz um trabalho desvinculado de qualquer experiência materna. Não tô falando que o meu trabalho virou um trabalho sobre maternidade. Mas a partir da experiência radical de ter um filho, eu comecei a inserir a radicalidade em todos os âmbitos da minha existência. Por exemplo, eu faço parte de uma universidade pública, o meu companheiro é professor de uma universidade pública, qual é o sentido de eu botar uma criança numa escola particular? Pra mim não faz. É uma radicalidade que eu adquiri com a experiência da maternidade. Eu não consigo ter uma mulher preta na minha casa cuidando da minha filha enquanto eu trabalho. Primeiro que eu nunca tive esse tipo de experiência, minha mãe sempre trabalhou muito e eu sempre fiquei em escola o dia inteiro, a coisa da babá não era uma cultura, eu fui criada entre a escola e a vizinha. Minha mãe dava uma grana pra vizinha pra ajudar, mas era isso, a gente se frequentava, era muito mais próximo de uma experiência de comunidade, que as pessoas se cuidam, se olham, do que a experiência de mulher branca de centro de cidade, que fica sozinha em casa chorando com a criança que não larga o peito e querendo matar a criança e se matar em seguida. Não posso trabalhar sozinha, tem uma criança comigo, então ela vai trabalhar comigo. A partir da noção que a minha filha estava infiltrando todos os buracos que eu tinha disponíveis, todos os espaços mentais, físicos, fisiológicos, eu desenvolvi uma série de infiltrações, chamando o filho de infiltração, que é uma coisa que você não contém, vaza e chega e preenche, não deixa espaço. Não acho que toda mãe tem que incluir filhx em trabalho. Acho errado isso de cagar regra, eu tô falando de uma experiência minha, do que faz sentido pra mim. Tem mulher que tem filhx e se arrepende, e é super legítimo, é normal, a gente foi criada pra reproduzir sem nem pensar sobre isso. Ou a gente produz novos modos de existir no mundo, novos aldeamentos, ou a gente vai continuar se fodendo, ainda mais as mulheres, nessa rede de mulheres em cadeias de subalternização. Acho

escroto esse tipo de feminismo que exclui criança porque, a partir do momento que você exclui uma criança, você exclui em geral uma mãe. Como harmonizar essa existência de crianças com adultxs numa sociedade que precisa melhorar? A gente tá vendo que está dando tudo errado, o projeto moderno civilizatório tá todo cagado. Como pensar com mais fluidez e de um jeito mais feminino, um pensar outro, pela diferença? Quando passei no ano passado para a bolsa de curadoria e viajei por mais de um mês, foi um drama. Meu marido disse: “Ele ainda mama. Falei com mainha e ela me disse que o melhor lugar para um filho é sempre com a mãe.” Por que é só com a mãe o melhor lugar para o filho? Essa frase ecoou na minha cabeça durante muito tempo. Banquei a ida pra viagem sozinha, mas foi pesado para mim. Pesado porque, mais uma vez, estava sozinha na minha decisão. Tenho aprendido a me encontrar de novo no mundo. Tenho aprendido também a estar no mundo em outro tempo. Um respeito e uma delicadeza comigo. Quando meu filho nasceu, todo o peso de criar uma pessoa, aqui, explodiu com a bolsa. Então, pra mim, o que eu posso dizer é que foi o maior aprendizado da minha vida. Não foi fácil, vários dias que eu achei que estava deprimida, mas não, era cansaço mesmo. No meu caso foi essencial toda essa experiência por um processo meu de amadurecimento como mulher, como pessoa, como adulta, sair um pouco do estado de filha, para mãe, para mulher. A minha relação com o trabalho tem sido isso, e eu tô muito feliz com o que está saindo, eu sei que ainda está em andamento, que tem muita coisa pra botar pra fora, mas a gente fica com uma força, com uma vontade muito grande, então é muito positivo, mas cada um vive de uma forma porque depende muito do momento que a gente está, pode ser que eu tenha umx outrx filhx e esteja num outro momento, uma outra relação. A gente passa a se valorizar mais também. A maternidade só agregou pra mim, por mais que eu tenha ficado quase dois anos parada, na verdade eu não estava parada, eu estava ali dentro de mim. Como você falou, pode ser que o trabalho não dê em nada, mas a coisa já está sendo feita de alguma forma. Os resultados nem sempre saem como a gente espera, então o grande lance é que a gente aprende a lidar com o inesperado e isso pra mim foi essencial. É uma relação mesmo com o tempo. Dentro de mim eu pensava, vai vir, um passo de cada vez. Você vai aprendendo a ser mãe, eu ainda estou em aprendizado, mas a gente dá o nosso melhor, o que a gente pode.

A Casa Jangada foi criada quando o meu filho nasceu, e a gente fala muito sobre maternidade, cuidado. Ali é uma casa de cuidado, mas a maternidade é muito viva, xs filhxs estão muito presentes na casa. Então isso faz muita diferença. Se ele estiver doente e não tiver com quem deixar, os próprios frequentadores da casa cuidam dele também. É um lugar em que existe essa horizontalidade, essa rede de afeto, de contorno. A Casa Jangada me ajudou muito a perceber que, estar em lugares que têm uma infra, uma possibilidade pra criança, ajuda muito. A gente tá inventando a maternidade possível pras nossas famílias. Eu penso no pai dela, como é difícil pra ele acompanhar esse mergulhão que a gente tem que dar e eles também, todxs xs

cuidadorxs envolvidxs. Nesse entrar muito pra dentro, eu tive que sair muito de mim, porque a gente tem que pedir ajuda, a gente tem que falar, tem que criar redes, tem que se costurar. Isso que você fez é super bonito, é dobrar isso, transformar tudo isso que está revolucionando a gente, transformar em alguma coisa no mundo. Eu tô vivendo várias coisas loucas, boas, selvagens, maravilhosas e difíceis também. Eu levei a minha filha pra uma fala e o pai ficou segurando ela do lado de fora. Ela chorava, chorava, chorava. Eu tava com um canal ligado na fala e o outro ligado nela. E chegou num determinado momento, pela primeira vez nesses onze meses, que eu também me entreguei ao descontrole e dividi com todo mundo que tava na fala: “gente, eu não tô conseguindo, não vai dar pra mim.” Eu fui ficar com ela. E foi uma conquista falar “eu não vou conseguir”. Eu também me dei conta de como eu não tinha ajudado as minhas amigas mães, eu também não tinha nenhuma intimidade com a maternidade. Aquilo me chocou bastante porque acho que a gente vive muito isolado como comunidade. Quando eu era pequena um monte de gente cuidava de mim, vários avós, vários tios. Meu filho é criado por mim e pelo meu companheiro, basicamente. Ele tem finais de semana com os avós e ponto. Eu acho que isso não é natural. O natural é ter uma comunidade em torno da criança. Isso me deixava muito frustrada. Amigxs que somem. Gente que te chamava pra ir ao cinema e que não conhece o meu filho até hoje. Foi tudo muito novo e eu tive muito pouco apoio, por estar longe, por não ter xs amigxs, por não ter a família perto. Isso deixa a gente um pouco travada. Eu não soube pedir muito. Então foi uma coisa muito de construção sozinha, eu e meu companheiro, a gente muito parceiro, muito junto, ele trabalhando pra caramba, a gente mudou de casa, tudo ao mesmo tempo. O meu filho nasceu e uma semana depois a gente estava se mudando, com a casa em obra. Todo o processo sempre foi tudo ao mesmo tempo.

Pra mim tinha uma coisa muito importante que também me levou pra universidade. Eu queria muito ficar com os meus filhos, estabelecer uma rotina, eu tinha uma vida muito sem rotina por conta dos trabalhos de arte, das residências etc., e pra mim foi decisivo porque eu queria ter uma vida com uma rotina doméstica. Não tinha mais um interesse em tantas viagens etc. Eu com 25 anos fiquei muito doente de repente, e era bem num momento em que eu fazia muitas coisas como artista e aquilo também foi muito decisivo para entender que eu precisava de ter uma rotina, porque eu acabo ficando muito mais descuidada, trabalho demais, não consigo medir muito essas questões. Eu tive meu primeiro filho com 29 anos e a outra 3 anos depois. Eu tive uma situação muito confortável, de muita ajuda dos meus pais. Quando a minha filha nasceu, eu estava morando na casa dos meus pais, e aí era ajuda coletiva. O nosso modelo de família uninuclear é muito difícil quando você tem umx bebê. Naquele momento foi muito bom porque eu estava escrevendo a tese, entrando na reta final, e acho que sem aquela ajuda de ter uma casa com mais gente, que podia se revezar muito mais, teria sido muito mais difícil para um trabalho de maior fôlego. A primeira medida que eu tomei foi não ter babá. Eu vou experimentar ficar

com ela e abrir uma lista de pessoas que se quiserem vir aqui me ajudar, sei lá, pra eu tomar um banho e tal, me ajudam. O meu companheiro tinha tirado uma licença. A gente teve sorte porque ele conseguiu tirar um mês e depois ele tirou mais quatro de greve. Ele é professor. Então a gente teve um certo conforto nesses cinco primeiros meses. Eu tive uma babá que chegou na minha casa quando eu tinha 6 meses de vida e ficou conosco até os meus 8 anos. Minha mãe a conheceu como empacotadora de um supermercado. Não sei qual foi a relação que ela encontrou entre uma empacotadora e uma cuidadora de bebês, mas foi assim que a Bá deixou a casa da irmã em São Pedro d'Aldeia e foi morar com a gente no Rio de Janeiro. Baiana havia chegado de Itabuna recentemente, fugindo dos maus-tratos e das repressões sofridas pelo abuso paterno. Ela jogava futebol, não era casada nem tinha filhos. Foi para o Rio cuidar de mim e viver a boemia carioca, o Baixo Leblon nos anos 1980. Aprendeu a dirigir, a tocar violão, e me ensinou sobre música popular brasileira. Mais do que tudo, ela preencheu uma lacuna física e emocional aberta pela ausência da minha própria mãe. Quando ela foi embora da nossa casa, me levaram para passear no carro conversível de uma amiga rica da minha irmã. Achavam que a distração deslumbrante minimizaria o meu sofrimento na hora em que eu chegasse em casa e não encontrasse mais a Bá, nem as suas coisas, seu quarto esvaziado. Não lembro de ter vivido dor parecida até ali, mesmo tendo acompanhado a morte de um tio, a separação dos meus pais, as brigas entre os meus irmãos e a depressão da minha mãe. Assim como meu pai, a Bá aparecia de vez em quando e me levava para passear. Ao longo da vida, eu saí e voltei muitas vezes do Rio. Mesmo numa época sem internet, jamais perdemos o contato, seja por telefone ou por carta. A Bá me acolheu em diversas ocasiões, como a mãe que sempre foi. Quando eu tinha 13 anos e morava em Cabo Frio, ela foi me visitar por alguns dias e fazíamos longas caminhadas pela praia das Dunas até quase Arraial. Antes de ir embora, ela deixou um recado num caderno meu que só encontrei tempos depois da sua partida. Eram Tom e Vinícius: “eu sei que vou te amar por toda a minha vida.” Aos 17, eu me vesti de branco e me fingi de enfermeira para invadir o Hospital Miguel Couto para encontrá-la após uma cirurgia para a retirada de um rim. Ela levou uma bolada jogando frescobol. No meu aniversário de 24 anos, eu morava em Barcelona e estava visitando Berlim pela primeira vez, quando recebi a sua ligação 6:00 da manhã dizendo: “minha filha, já temos casa!” – ela tinha sido sorteada pela Caixa Econômica Federal e pode comprar o seu apartamento próprio no Catete, sua residência até hoje, e onde mantivemos durante anos uma rotina semanal de jogar baralho e jantar juntas. Nossa relação sempre causou ciúmes colossais na minha mãe biológica, já que nunca tivemos tal cumplicidade nem demonstração de afeto comparável. Apresento a Baiana como mãe e ela me apresenta como filha. Também a apresento como Vó Bá, agora que a minha filha nasceu. É um dos maiores laços familiares que ainda tenho. A minha filha nunca precisou de babá, mas eu agradeço até hoje pela sorte de ter tido a minha, por toda a minha vida. Eu nunca me imaginei criando um filho sozinho. No Brasil a gente tem muito essa cultura de ter

empregada, de ter babá, e eu cresci muito nesse esquema. Por mais que seja cansativo, tem dias que eu digo “meu deus não vou dar conta”, mas a gente dá. Como ser humano, é muito verdadeiro, eu estou muito mais forte, muito mais confiante, muito mais com certeza do que eu quero. A gente não tem muito tempo pra perder. A maternidade me deu muito mais força. Quando não dá certo, não vai do jeito que a gente quer, paciência, tudo bem, vamos fazer de outro jeito. Na maternidade nem sempre vai ser do jeito que você quer, nem sempre você vai dormir as horas que você quer, nem sempre você vai poder fazer aquilo que você quer, e é uma luta constante para você não esquecer de você mesma, de não deixar de cuidar de si, que é difícil né, porque a gente fica muito prx nossx filhx. Eu dou a minha vida por ele, mas eu preciso estar bem. Esse é o grande aprendizado, é a grande potência que a gente encontra dentro da gente, que a gente pode dar conta. E o trabalho vai junto com você, tudo influencia, então x bebê é mais uma coisa que vai influenciar na sua vida. Não precisa deixar de fazer o trabalho, ele vai mostrar pra você o caminho. Assim que eu tô lidando com isso hoje, pode ser que amanhã seja diferente. Da dedicação mais absoluta a uma privação. Claro que a gente vai encontrando formas de cuidar de si, de fazer as coisas, mas eu sinto, na minha experiência, que é sempre a partir de um esforço, de uma abertura conquistada, não é dada, mesmo tendo um companheiro que é super parceiro, que realmente divide as tarefas das meninas comigo de uma forma bastante igualitária, o máximo possível, não digo que é 50%, mas porque também ele trabalha muito mais. Daí a gente volta pro mesmo tema da produção, porque quem produz mais dinheiro é ele, então ele precisa trabalhar mais, logo, eu fico mais com as meninas, então eu trabalho menos. É uma equação que, claro, estou simplificando toda a complexidade que isso envolve financeiramente, emocionalmente, tudo. Mas eu acho que é tudo tão junto que é impossível da gente pensar numa pesquisa sem colocar toda essa experiência em jogo. Então mesmo tendo esse companheiro que compartilha comigo o cuidado das meninas de fato, eu me sinto um pouco distante do meu trabalho porque eu sou absolutamente modificada pelas demandas de ter filhas. Por outro lado, também, ter as meninas faz com que eu sinta, perceba tudo de uma outra forma, tenha outros desejos, outros desejos de trabalho, outro ritmo. Eu vivo num casamento que cada vez eu me dou mais conta de como a estrutura é enraizada nesse machismo, acho que isso é uma constante pelo menos à minha volta. Eu fiquei um pouco impressionada porque eu negava isso, eu negava que o meu companheiro fosse esse cara que só ajuda se a gente pedir. É um intelectual, que precisa de muito tempo pra pensar, pra escrever. Mas eu não queria acreditar, eu fui sentir na pele como é isso, como isso é pensado e como tem um jeito meio sonso de deixar tudo na mão das mães, nas minhas. Isso é muito importante, existe e atrapalha nessa parte do trabalho, porque podia ser mais dividido. Eu não acho que por ter menos tempo eu sou mais produtiva, porque eu também não sou uma pessoa apegada à produtividade, aliás eu acho essa palavra uma armadilha porque não me interessa produzir muito, mas, ao mesmo tempo, eu sinto que eu vou ficando às margens do

sistema, especialmente o da arte, que me demanda uma produtividade. Tem a Cooperativa de Mulheres, que me chamou para uma residência na Serrinha com outras mães pra gente levar xs filhxs. Meu filho tinha 2 anos, que é uma fase muito de transição, é bom mas é ruim, é difícil porque você ainda precisa dar muita atenção, as outras crianças eram mais independentes, mas foi muito importante pra mim porque eu passei uma semana com artistas, mães ou não, mas mulheres numa residência artística, e eu não pensei em nenhum momento sobre o meu trabalho artístico, eu só pensei em ser mãe e cuidar do meu filho naquele ambiente. Lógico que tinha a coisa de arte, pintura, a gente escreveu uma manifesta, a gente fez coisas, produziu, mas não fiquei presa à obrigação da produção, que eu acho que é o mundo de hoje, que prx artista estar vivo ele tem que ter produção. Não adianta só estar nas ideias. Tem que botar as obras no mundo e tem que mostrar serviço. E a mulher está sempre também nesse lugar. Então achei muito bom poder relaxar e viver meu filho 100% mãe, esquecendo um pouco da artista, porque eu estava ali por ser artista, então eu não precisava estar provando. Então me tirou um pouco essa agonia. Eu fiz uma residência chamada “Mothers in Arts” que foi meio catastrófica pra mim. Eu não gostei. A grande crise da pessoa que fundou a residência, que conseguiu um dinheiro do Estado, que ganhou um edital pra fazer esse projeto, era: “as mães precisam poder trabalhar.” Então esse projeto vinha pra produzir tempo para as mulheres artistas trabalharem. Só que aquilo nunca fez muito sentido pra mim porque, como eu estava muito atravessada pela experiência materna, não fazia sentido pra mim simplesmente produzir um espaço sem criança pra poder produzir um espaço de produção de trabalhos. Eu comecei a questionar muito essas categorias. Por que produzir trabalho precisa necessariamente me separar de umx bebê? Porque x bebê precisa da mãe, precisa de uma rede, mas por quê que o tipo de trabalho que eu faço, demanda que eu me ausente da experiência da primeira infância da minha filha? Como produzir subsistência, sobre-existir num mundo que não quer que você tenha filhx, apesar de que, se você não tem filhx, você é cobrada. A criança atrapalha no final das contas. Você precisa que alguém se ocupe da criança pra que você possa se ocupar, de produzir sustento, trabalho, para manter a roda de produção. Pra mim está muito nesse paradigma produtivista. O quê que é preciso produzir de fato? Então a chegada da minha filha foi muito desestruturante nesse sentido, eu comecei a questionar todas as categorias engessadas do mundo, que era o meu mundo. Por exemplo, trabalho, atividade intelectual, mesmo os feminismos que a gente vinha estudando. Hoje em dia pra mim está muito claro que feminismo, que exclui criança e bicho, tem sérios problemas. Eu lembrei de uma situação que me fez pensar bastante e me decepcionar muito com esse universo das artes. Quando a minha filha era bem pequenininha, eu fui selecionada pra aquela residência Sacatar, que é num lugar idílico, na praia de Itaparica, numa casa maravilhosa, mas que é totalmente fechada pra acompanhantes e filhxs. Eu fiquei muito angustiada na época, porque a minha filha era muito pequena, mas como elxs fazem uma seleção bienal, eu tinha dois anos pra poder marcar a minha

data de residência. São dois meses, é longo, e não pode sair, só tipo dias mínimos, senão você é expulso. Eu marquei então pra última última etapa. Quando chegou o momento de fazer a residência, a minha filha tinha 2 anos e pouquinho, e eu tinha situações difíceis na vida pessoal. Mesmo assim eu fui. Tem um sofrimento considerável, minha filha era muito pequena, tinha parado de mamar há pouco tempo. Ainda era uma bebê. Primeiro eu consegui que o meu companheiro fosse com a mãe dele, numa primeira etapa, passar uma semana. Mas quase que não queriam que elxs entrassem na residência. Era uma coisa bem estranha. Então a minha filha não podia dormir lá comigo. Então eu saía para dormir na pousada onde elxs estavam e ficava me desdobrando. Eu também tive que ir pra Alemanha mostrar um trabalho num festival e tudo isso foi contabilizando naquele máximo de dias que você pode ficar fora da residência. Nos dias em que eu ia dormir na pousada, mesmo tendo passado o dia inteiro trabalhando ou vivendo ali na residência, eram contados como dias fora. Era bem foda. Eram uns americanos bem duros. Eu comecei a ficar com muita raiva depois de um episódio que a minha filha estava lá na residência comigo e começou a chover muito forte. Eu, no meu jeito meio desafiador e implicante com essa proibição com uma menina tão bebezinha, botei ela pra dormir na minha cama e, como chovia cântaros, decidi que ela ia ficar dormindo comigo. Quando às 10 da noite me liga o cara que é o gerente, que é um cara muito legal, mas que me liga dizendo que ia chamar um taxi para eu levar a minha filha embora. Eu entrei em pânico e falei: “Não. Ela dormiu e vai ficar aqui porque está chovendo muito.” E ele disse que eu sabia das regras, que aquilo nunca tinha acontecido nos quase vinte anos da residência, de ter alguém dormindo ali que não fosse x artista. “Não pode, não pode.” Ele ficou com medo de estar quebrando as regras e deixou claro que não era uma regra dele, mas da residência. Eu fiquei muito chateada e disse que ela não ia sair e que, se eles quisessem, que me expulsassem no dia seguinte. Daí ele pediu pra eu ligar pro responsável, pro dono da residência, que estava na Califórnia. Depois disso ficou um gosto amargo. Eu estava muito apaixonada pelo trabalho que eu estava fazendo lá em Itaparica, que não era nem dentro da residência, do ateliê, mas que tinha um espaço e um tempo para ler, para desenhar, para fazer outras coisas que eu não fazia desde que a minha filha tinha nascido há dois anos. Acabei filmando de montão, me ligando a um monte de gente, fazendo uma cadeia de amigxs e de pessoas que até hoje está aí. Eu estou montando esse trabalho agora, inclusive. Mas fiquei implicando com o pessoal da residência, contando os dias para ir embora. Fui me informar um pouco, eu fiquei curiosa, e comecei a olhar outras propostas de residências, e todas que eu conhecia, salvo muito raras exceções, não aceitam acompanhantes. Mas quando essas residências são longas é como se descartassem totalmente as mulheres, mães de crianças pequenas. E afastar a mãe da criança, não é interessante nem pra mãe, nem pra criança nem pra ninguém. Aí eu comecei a me dar conta do quanto era machista, do quanto a gente era anulada, descartada, não existe. As residências, no final de contas, são feitas para mulheres muito jovens ou que não

quiseram ter filhxs. Eu lembro da Villa Médicis, que é uma super residência que você ganha uma fortuna e por cada criança você ganha 500 euros a mais, o que é incrível mas muito raro. Eu já saio muito pra poder trabalhar, esse trabalho que me faz viver. Daí juntar as viagens de filmagem, que eu sou diretora de fotografia, mais as viagens de residência artística, eu fico muito tempo fora, então é uma coisa meio vetada pra gente. É bem pesado. Tudo isso tem que mudar. No cinema mesmo, não entendo até hoje como não tem um esquema de creche parental para xs filhxs das pessoas que fazem filme por um mês, dois meses. Acho que na França elxs estavam começando a fazer, a ter uma pessoa paga pela produção que cuida das crianças enquanto as pessoas têm que trabalhar. Essa rede de apoio mais institucionalizada, mais organizada pela produção, vai ter que acontecer porque não dá pra gente ficar sempre à parte. A mulher que tem filhx fica meio num limbo até a criança crescer e poder retomar a sua independência total que esse mundo exige. Durante a minha vida toda, essa relação entre mulheres, essa empatia, essa sororidade entre mulheres, pra mim se deu após a gravidez e a maternidade. Lembro que durante a gravidez eu fui nesse processo de conhecimento, de entendimento, eu só conseguia aquele olho no olho com outra mulher, e falar “caraca, tô passando por isso”, “já passei por isso”, “não passei por isso mas sei o que você está passando.” Mulheres que tiveram filhxs. Eu lembro quando eu e meu companheiro contávamos pras pessoas que eu estava grávida. Eu achava até engraçado, alguns amigxs nossos com uma cara de decepção, do tipo “ah, um a menos!” e outras pessoas conhecidas com filhxs, numa felicidade, um outro brilho no olhar pra com a gente. Quase como um abraço. Isso a gente descobriu, porque antes eu não imaginava, sabia que tinha uma sensibilidade, uma empatia por pessoas que têm filhxs, mas não sabia que a parada era tão radical, de você se reconhecer no outro, num abraço, numa troca de conversas você conseguir acolher as pessoas. Eu acho que nesse momento é que eu entendi a relação do feminino, a relação entre mulheres de uma maneira muito mais potente. Tenho muitos mais amigos homens. Engraçado, nunca tinha pensado nisso. As amigas mulheres que eu tenho, algumas têm filhxs outras não, mas fui me dando conta do quanto que isso é necessário. Olha quem acordou! Eu estava aqui escondida na cozinha, tomando um café e falando com você, e aí minha sombrinha veio me resgatar. Eu vivencio isso. O quanto a relação entre mulheres se fortalece. Durante a gravidez eu passei a só ir a médicas mulheres. Eu já tinha muitas, mas todas as minha médicas da gestação eram mulheres. As consultas eram sempre papos incríveis, dicas, coisas bem diferentes umas das outras, eu achei bem incrível. Me fortaleceu muito enquanto mulher, de verdade. Fico muito emocionada até em falar sobre isso.

Eu tô muito voltada agora para explorar meu corpo de outras formas. Nosso corpo fica muito fechado durante os primeiros anos da maternidade, muito em função do mamá, muito corcunda, fechada em função do colo. Eu tô buscando experimentar o meu corpo de muitas formas, nem que seja fazendo exercício, fazendo yoga para abrir o corpo mesmo, queria tanto

fazer uma aula de dança pra movimentar meu corpo de um jeito, usar meu corpo de forma criativa, pra criar, descobrir movimentos novos pro meu corpo, mas é muito difícil fazer isso também, fazer tudo, pagar tudo, ocupar mais um dia da semana, isso tem que ser negociado em casa. O outro caminho nessa experiência do corpo é o sexo, que eu tenho explorado também de outras formas, inclusive pegando outras pessoas, experimentando, isso não é fácil de fazer, a gente fez isso no carnaval e fez agora recentemente tem pouco tempo numa festa, mas isso também não é simples de fazer nem de ser um acordo, isso é dentro de cada casal, mas fiquei achando que essa é uma experiência do corpo, da descoberta do corpo, é importante depois da maternidade. A gente começou a falar sobre o tesão não ter exclusividade. Porque afinal o casamento é um compromisso de exclusividade. Aí começamos a conversar sobre a hipocrisia de fingir que isso não existe. Agora que fico em casa trabalhando quando sai todo mundo, todos os dias eu tenho um ritual que envolve um pouco de meditação, de yoga, o café, a masturbação e o banho. Mas ainda é tudo pra dentro. Talvez ainda falte mais tempo pra sair. Tô começando a ficar comigo de novo depois de 2 anos. O sexo é parte desse processo totalmente retomada do corpo. E a experiência do corpo, por exemplo, numa aula de dança, como forma de dar uma expressão a quem eu sou agora, a isso que a gente vai criando todo dia de si mesma. Mulher artista com filhx bebê não é respeitada, sabe? Ainda mais se você é uma mulher latino-americana, que está sozinha, *crazy latin american woman*, você não serve nem pra ser comida, nem pra flertar com ninguém, você não pode sair, fazer os rolezinhos. Foi super duro porque eu me dei conta de quanto eu me sentia nojenta, de como o meu corpo era abjeto, e que eu com a minha filha, a gente era quase que uma coisa meio lixo, sabe? Só as outras artistas que eram mães é que eram mais cuidadosas, mas ao mesmo tempo era aquele esquema, precisamos nos livrar da criança para sermos homens no mercado da arte. Esse feminismo antigo, histórico, Simone de Beauvoir e tal, que acha que mulher tem que produzir espaço de poder, tem que ser pirocuda igual homem, e que é isso que vai legitimar você como alguém relevante no mundo do trabalho. Sendo que mais uma vez, a experiência da amamentação, da exterogestação, dos cuidados na primeira infância, da vinculação com a criança, estão totalmente excluídos. Foram vários dias que eu pensei que a minha vida tinha acabado. A minha vida pessoal e profissional. Vários dias eu senti que eu era só um corpo, que eu não tinha alma. Mas a gente é mais do que alma, né? Vejo você fazer a sua tese sobre isso e vejo como é natural. Te vejo postar a criança no *Instagram*. Não sei como está aí, você, mas fica esse interesse, esse olhar único da maternidade, como um filtro que você só vê isso no mundo. E era por isso que quando as pessoas ficavam grávidas eu falava “se prepara” porque é uma carga tão grande, eu me sentia corporalmente sobrecarregada de tanto amor. Olha isso! (risos) Eu acho que é. E não é uma coisa só boa. É maravilhosa por um lado, mas têm várias questões por outro que as pessoas não falam. É como se a maternidade fossem só flores e lindezas. São muitas mudanças envolvidas, especialmente corporal, meu corpo em função de

outra pessoa. Nossa, me dá um cansaço no corpo só de lembrar como é que era. E passou. Até hoje ele fica botando a mão no meu peito. Eu fico irritada tem hora, mas não consigo cortar isso completamente, fica um negócio meio vai-e-vem. Essa relação com o peito é muito doida. Até hoje ele vê o meu peito e fica falando “peito, peito”. Eu tinha esse mesmo desejo que você, que uma hora ele parasse de mamar assim meio sem perceber, que a coisa fosse meio espontânea, e aí me falaram uma coisa que eu achei muito boa. “Mas, vem cá, você quer que seu filho não perceba transições importantes assim? Você acha que ele é bobo? É importante que ele perceba que uma coisa como essa vai mudar e que isso pode ser difícil, mas que também pode ser bom.” Acho que não é regra né, pode ser que tenham crianças que soltem o peito espontaneamente. Tem uma função nossa aí também de orientar nessa despedida. No livro “Leo e a Baleia” tem uma frase muito boa: foi muito difícil pro menino se despedir da baleia, mas foi muito importante que o pai dele estivesse do lado naquela hora. Pois é, além de fazer xixi e dormir, o peito é a única coisa que ela tem certeza de que vai acontecer todos os dias desde que nasceu. Aquele leite, aquele conforto, aquele calor, é uma certeza. São os primeiros anos da vida. É tudo tão passageiro, tão fugaz. Então é difícil mesmo sair desse ritual e viver essa transição, esse desligamento, que pra mim não tem como não ser gradual, sensível, mas isso vai de acordo com cada relação dual mãe e bebê. E é muito louca a capacidade das pessoas alheias a essa relação tão particular se meterem, opinarem e julgarem contra o fato de uma criança continuar mamando, mesmo após os dois anos de idade. As pessoas se sentem no direito e no dever de exporem seus posicionamentos, sem levarem em consideração as atitudes e decisões daquela mãe. Passam por cima dela com suas afirmações e exclamações imperativas. De onde tiram essas informações, esse conhecimento sem causa? A mãe que amamenta tem isso, o sugar a gente. É maravilhoso, é incrível, mas eu ficava muito sugada e a minha energia ia embora muito rápido. Eu ficava pensando, poxa, porque eu não pego um caderno e fico desenhando, escrevendo e produzindo dessa forma, sem ter que produzir para ir para alguma coisa. E eu não conseguia e isso era frustrante pra mim de uma certa forma. Mas eu fui entendendo que eu teria que me adaptar e que às vezes isso leva tempo. Então eu fui construindo, dia após dia, uma segurança dentro de mim, mas não foi de uma hora pra outra, foi todo um processo de construção.

Eu, meu companheiro e as meninas fomos passar um mês em Mauá e eu comecei a fazer fotos de família, a princípio. No meio do caminho, eu percebi que tinha algo acontecendo na relação da minha filha mais velha com o ambiente, um certo medo e, ao mesmo tempo, desejo de aproximação, essa coisa da fantasia da criança que vai se misturando à realidade, e a natureza é um ambiente muitíssimo propenso pra imaginação porque tudo se movimenta, nada é estático. Eu comecei a fotografar pensando nisso, nessa relação de desejo e medo, de afastamento e aproximação com a natureza que ela estava experimentando ali. Eu percebi a força do que estava acontecendo ali a partir da fotografia, e isso é muito bonito, essa potência fotográfica de nos

mostrar novamente o que a gente viu, a observação de umas fotos que seriam de família e que acabaram se transformando. Eu sinto uma enorme potência nas fotos da família. São tantas as fotógrafas que trabalham nesse universo familiar. Sally Mann, Nan Goldin com o trabalho das crianças, que ela vem de um tema tão outro do “The Devil’s Playground”... Tem também esse quê, que eu filmo muito as crianças desde sempre, desde os primeiros filmes, nesse mundo da infância, com crianças que atuam comigo, pra mim, pros nossos filmes, a gente escreve junto. Esse universo materno, mas principalmente feminino, e eu só fui entender isso depois que a minha filha nasceu, quando eu comecei a ter umas retrospectivas dos meus filmes e umas propostas de mostrar blocos de vários filmes meus juntos, eu comecei a entender bobamente que tinha essa tônica, esse olhar pra infância e pro feminino. Quando eu tava grávida, eu fiz um filme no Morro dos Prazeres. Um amigo meu estava fazendo uma peça de teatro sobre o Lima Barreto e me chamou, me pediu encarecidamente, para eu fazer um filme para projetar durante a peça, essas coisas. Não era pago e tal, então eu falei que ia filmar o que me interessasse, “vou fazer um filme que eu tô afim de fazer.” Encontrei umas meninas, todas muito jovens, grávidas que nem eu, então eu grávida filmava essas mulheres grávidas, que estavam adorando ser filmadas, que se deixaram ser filmadas e que eu pedia pra dançar, enfim, que se chama “Vivo e Morro dos Prazeres”.

Falei muita coisa que são as bordas da coisa toda. Acho muito bom poder estabelecer esse lugar de troca de verdade. A escrita é muito solitária. Quando você me escreveu, eu pensei, “nossa que bom encontrar e ver diante de mim uma outra mulher, mãe, jovem, artista, com questões parecidas de produção”. Não sei se é meu, mas eu sinto às vezes um pouco “será que é isso mesmo?” Quando eu estava escrevendo o texto da qualificação, comecei a falar muito de questões muito próprias da vida, mas que são essas coisas, essas experiências, esses sentimentos e situações que me levam pro trabalho. Pra mim é absolutamente impossível falar de um processo artístico sem falar da vida porque é como se a vida levasse pra esse lugar da imagem. É nesse lugar muito de dentro que me movimenta. A vida é tão louca, né? Tem uma força mágica... Percebi imediatamente, no momento em que ele nasceu que eu iria fazer parte da sua vida, mas a “vida”, aquela nova vida seria construída por ele. A pulsão, o desejo de estar no mundo era daquele sujeito, ali, ao meu lado, que eu ainda não conhecia muito bem. Que coisa estranha ele, aqui, dizendo: “mamãe, eu te adoro, muito, sabia?” À vida, de arrepiar.